

Proletários de todos os países: UNI-VOS!

Avante!

ÓRGÃO CENTRAL DO PARTIDO COMUNISTA PORTUGUÊS

A REVOLUÇÃO SOCIALISTA DE OUTUBRO

FEZ DA UNIÃO SOVIÉTICA A NAÇÃO MAIS AVANÇADA E PODEROSA DO MUNDO!

GES
PCP

A União Soviética comemora este ano o 42.º aniversário da Revolução Socialista de Outubro em pleno florescimento e triunfo do socialismo, em marcha para a sociedade comunista.

Quando, em 1917, os operários e os camponeses da velha Rússia czarista, guiados pelo partido revolucionário de Lénine, derrubaram para sempre o governo da burguesia capitalista, lançaram os alicerces duma nova sociedade sem classes, criando assim o primeiro Estado socialista no mundo.

O governo dos operários e dos camponeses — o Governo Soviético — fez da Rússia feudal, atrasada e autocrática, a nação mais avançada no plano social e no domínio da ciência e da técnica; fez da poderosa União Soviética o centro das atenções de todo o mundo. Na U.R.S.S. constrói-se pela primeira vez na história da humanidade uma sociedade com que sómente osa-ram sonhar os mais altos valores do pensamento de todos os tempos: a sociedade comunista.

O povo soviético, guiado pelo

Partido Comunista e dirigido pelo Governo Soviético, construiu milhares de fábricas gigantes, aproveitou poderosas fontes de energia e explorou novas e vastas fontes de matérias primas, desbravou muitas dezenas de milhões de hectares de terras virgens, construiu várias centenas de novas cidades, edificou milhares de escolas e centros de cultura, bem assim como dezenas e dezenas de novas universidades e institutos científicos.

Ao governo tirânico dos czares sucedeu, nos nossos dias, a forma mais democrática de governo. Não existem agora na U.R.S.S. presos políticos. Milhões de cidadãos soviéticos participam activamente na governação pública e na direcção das actividades económicas, graças ao Estado soviético.

O objectivo supremo do Governo Soviético é melhorar continuamente as condições de vida da população, é elevar continuamente o nível de vida e a cultura do povo soviético, «para assegurar o bem-estar total e o desenvolvimento harmonioso e livre de todos os

membros da sociedade» (Lénine). Essa a razão porque no centro da actividade dos governantes soviéticos está a defesa da paz mundial. É essa preocupação de defender a paz que levou o primeiro secretário do Partido Comunista da União Soviética e presidente do conselho de ministros da U.R.S.S., camarada Krustchov, a deslocar-se aos Estados Unidos recentemente e a propor na ONU o desarmamento universal e completo.

Os sucessivos planos de desenvolvimento económico transformaram profundamente a vida do povo soviético, fizeram da URSS uma poderosa nação industrial e agrícola, colocaram a técnica soviética na vanguarda.

Apesar dos enormes estragos provocados pela Segunda Guerra Mundial no seu território, a União Soviética conseguiu restabelecer, apenas passados dois anos e meio depois do fim das hostilidades, o nível da produção industrial de 1940 e ultrapassá-lo mais de 4 vezes no decorrer dos dez anos que se lhe seguiram.

Em 1958 a produção do aço na URSS atingiu 55 milhões de toneladas aproximadamente e a extracção do petróleo 113 milhões de toneladas, mais aço e petróleo que durante todo o ano de 1913. A produção de energia eléctrica em 1958 foi de 233 bilhões de kwh, produzindo-se em cada três dias tanta energia eléctrica como a Rússia czarista num ano. A indústria química, que não existia praticamente na Rússia czarista, ocupava já em 1958 o segundo lugar no mundo pelo volume da produção.

O novo Plano Septenal (1959-1965) tem como objectivo fazer crescer a produção global da indústria em 80 por cento e multiplicar por 1,7 vezes a produção agrícola. O montante dos investimentos na economia nacional do decorrer deste plano totalizará uma soma quase igual ao total dos investimentos feitos no decorrer dos 41 anos de regime soviético! Os rendimentos reais dos operários, empregados e kolkozianos aumentarão, em média, 40 por cento. Em 1960 começará a jornada de 6 horas de trabalho para certas indústrias e entrará em vigor a de 7 horas para todas as outras. A partir de 1964, entrará em vigor gradualmente a semana de 5 dias de trabalho e 2 de descanso por semana. O problema da habitação estará completamente resolvido dentro de 10 anos.

«No decorrer dos próximos 15 anos» — ou mesmo antes, como tudo faz prever — «a URSS ocupará o primeiro lugar no mundo não sómente quanto

PELO AUMENTO DE SALÁRIOS CONTRA O DESEMPREGO E A CARESTIA DA VIDA

Intensifica-se a ofensiva do grande patronato e do governo salazarista contra os magros salários dos trabalhadores, ao mesmo tempo que sobe desenfreadamente a carestia da vida. Manobras pelos grandes tubarões fascistas entrenchados nos organismos corporativos, os preços dos artigos essenciais à vida do povo atingem um nível absolutamente incomportável para os modestos ganhos dos que vivem unicamente do seu braço.

O governo salazarista, como governo anti-popular que é, inter- vem abertamente ao lado dos grandes exploradores, fomenta a especulação e a alta dos preços com as suas medidas anti-económicas e protege por todos os meios os interesses do grande capital contra a imensa maioria da nossa população.

O azeite subiu de 2500 para o tipo mais caro, mas desapareceram completamente do mercado os de tipo mais barato, o que representa um aumento real de 3 e 4500 em litro. Em resultado da escassez e das traficâncias realizadas pelos grandes armazenistas está já aparecendo em vários pontos do país azeite adulterado com grave perigo para a saúde pública. Também o preço da banha subiu já para 20500 e o do toucinho para 20500. O Governo tem nesta situação uma grande responsabilidade, pois, constatando a baixa da produção nos últimos três anos, autorizou criminosamente o aumento da exportação em cerca de mil toneladas cada ano.

O bacalhau subiu efectivamente de preço, ao contrário das mentirosas afirmações do Secretário do Comércio. O mais barato passou agora a vender-se pelas tabelas mais caras, por determinação do Governo, e o produto começa já a escassear no mercado. A escassez do bacalhau está a provocar a alta do preço do pescado. Sardinhas a 7 e 8 escudos, carapan a 9 e 10, pargo a 9 e 11, isto para não falar senão no peixe de mais largo consumo, porque o do alto só os ricos o podem comprar. A carne de porco subiu de 32 para 34 escudos e outros produtos da alimentação subiram igualmente de preço.

Ainda sem nenhuma justificação, foi reduzido para cerca de metade o abastecimento de leite de tipo comum à população de Lisboa, o que evidentemente favorece as manobras altistas da UCAL. Os ovos já se vendem a 16 escudos num período em que normalmente são vendidos muito mais baratos.

As donas de casa, que têm diariamente de adquirir as suas provisões, sabem como encarescem todos os dias as hortaliças, as batatas, o peixe, a carne, o pão, os ovos, a fruta e tudo o que necessitam para a subsistência de famílias por vezes numerosas.

E o que se passa na frente dos salários e da garantia de trabalho do operariado industrial e agrícola?

O Governo recusa-se a fazer uma revisão geral dos salários, jornaes e ordenados de acordo com o extraordinário aumento do custo de vida. Mesmo os novos acordos colectivos de trabalho, arrancados pela luta dos trabalhadores, são uma burla para tapar os olhos às massas. Na maior parte dos casos, os novos contratos colectivos, que o Governo proclama como atribuindo aumentos de 20 e 30%, não ultrapassam os salários já de facto recebidos pelos trabajado-

UNIDADE — CONDIÇÃO ESSENCIAL PARA DERROTAR O SALAZARISMO

Existem cada vez mais no nosso País condições objectivas favoráveis para uma mudança de regime e de governo. Esta conclusão decorre duma análise em profundidade da conjuntura nacional e internacional.

Os que costumam avaliar os fenómenos apenas pelas suas manifestações de superfície são, naturalmente, levados a uma conclusão pessimista da situação nacional e a uma perspectiva falsa da sua evolução. E o que é grave é que esta apreciação defeituosa determina frequentemente uma atitude política negatviva e condiciona, duma forma sensível, o esforço concreto que cada português tem de realizar para arrancar da sua Pátria as raízes da miséria, da opressão política e do atraso económico e cultural, personificados no regime de Salazar.

Considerando apenas a situação do país pelas suas manifestações superficiais, poderá parecer à primeira vista que o regime salazarista se recompôs das derrotas sofridas no período eleitoral de 1958 e que, graças a esse esforço de recomposição, conseguiu estabilizar-se no Poder por um período mais ou menos longo.

Mas uma análise em profundidade indicar-nos-á que a recomposição do salazarismo assenta numa

base precária e que não pode sequer falar-se na estabilização do regime.

O salazarismo não resolveu os principais problemas nacionais

Isto aparecerá claro se respondermos a três questões fundamentais: Primeira, a que meios recorreu Salazar para se recompor dos golpes de 1958? Segunda, qual o sentido dessa recomposição? Terceira, diminuiu o descontentamento popular em relação à política salazarista?

O salazarismo recompôs-se momentaneamente recorrendo, em primeiro lugar, à repressão mais feroz contra as forças da oposição e em particular contra o seu destacamento mais combativo e consequente — contra o Partido Comunista Português.

Ao mesmo tempo, Salazar empreendeu uma vasta reorganização do seu aparelho estatal que abriu profundas brechas sob os embates do movimento popular. Foram remodeladas todas as comissões da União Nacional do topo à base, substituídos quase todos os governadores civis e presidentes das Câmaras Municipais, remodelados os Altos Comandos das Forças Ar-

(continua na 3.ª pág.)

(continua na 2.ª pág.)

(continua na 4.ª pág.)



A REVOLUÇÃO DE OUTUBRO

(continuação da 1.ª pág.)

do volume global da produção, mas também na produção por habitante; a base material e técnica do comunismo será criada no nosso país, o que significará ao mesmo tempo uma grande vitória da União Soviética na competição económica pacífica com os países capitalistas mais desenvolvidos» (Teses do Relatório de N. Krushchev ao XXI Congresso do PCUS).

Não vem longe o dia em que o povo soviético seja aquele que tenha o mais elevado nível de vida no mundo.

A Revolução Socialista de Outubro, modificando profundamente as condições de vida das classes laboriosas, abriu-lhes o acesso à cultura, colocou a URSS na vanguarda de todos os outros países quanto à instrução pública e às realizações científicas e técnicas. Os povos de todos os países puderam certificar-se desta realidade através de acontecimentos de carácter histórico: a primeira central eléctrica atómica é soviética, o primeiro quebra-gelos atómico é soviético, o primeiro satélite artificial da Terra é soviético, o primeiro foguetão cósmico é soviético, o primeiro foguetão a atingir a Lua é soviético, a primeira estação inter-planetária é soviética. As assombrosas proezas dos sábios, técnicos e trabalhadores soviéticos não se devem a artes mágicas, mas sim à política a favor do desenvolvimento da ciência, da técnica e da paz do Governo Soviético.

A Revolução Socialista de Outubro, o regime soviético, o comunismo, são uma fonte de inspiração para todos os povos subjogados pelo capitalismo e pelo imper-

rialismo — como é o caso do povo português — são um farol na luta libertadora desses povos, representam «a Primavera do mundo».

Desde essa madrugada longínqua em que os canhões do cruzador «Aurora» desfecharam as primeiras salvas da Revolução de Outubro, até aos nossos dias, que caminho percorrido pela humanidade! As tentativas de estrangulamento da Revolução de Outubro pela burguesia imperialista, às provocações, às calúnias irónicas contra o novo Estado proletário, às guerras intervencionistas, sucedem, após duras lutas, a vitória do socialismo num único país, sucedeu o alargamento progressivo do campo socialista da Europa até à Ásia, de forma que este se transformou num sistema mundial que engloba já hoje um terço da população do Globo e mais da quarta parte da sua superfície.

É sob a invicta bandeira do marxismo-leninismo que uma terça parte da população do mundo constrói o socialismo e é também sob essa bandeira que o proletariado revolucionário dos países capitalistas, que toda a humanidade avançada e progressiva, marcha para a sua libertação final.

Ao comemorar mais este aniversário da gloriosa Revolução Socialista de Outubro o «Avante!» saudamos calorosamente o povo soviético nesse dia de festa nacional, saudamos o invencível Partido Comunista da União Soviética e o Governo Soviético por mais este aniversário de tão gloriosa data.

Viva a Grande Revolução Socialista de Outubro!
Viva o Partido Comunista da União Soviética!
Viva o glorioso povo soviético!

É INEVITÁVEL

A LIBERTAÇÃO DOS POVOS COLONIAIS

A liquidação do colonialismo está hoje na ordem do dia. A existência deste vergonhoso sistema de opressão e exploração só interessa às forças que se alimentam com a miséria de milhões de milhões de escravos.

Por isso, a manutenção das Colónias é tão vital para o regime salazarista. Eles sabem que para a existência do actual regime a independência dos territórios coloniais seria um golpe irreparável.

Por isso, eles defendem o colonialismo com unhas e dentes, escondendo os seus motivos de cobiça numa roupagem patrioteira.

Em discursos e palestras dos mais variados estilos, na esmagadora maioria dos actos oficiais, lá aparece o grito de alarme das hostes colonialistas numa tentativa de mobilizar a opinião pública para as suas aventuras.

Nas colónias, uma repressão feroz contra os indígenas e a continuação dum exploração das mais brutais e desumanas. Neste momento, só em Angola, encontram-se presos mais de 200 negros. Outros têm sido assassinados, como o «Avante!» já noticiou.

O ministro do Exército afirma que será nas Colónias que as forças armadas portuguesas passarão a ter a maior parte dos seus efectivos e dos seus quadros. E o Governo, nesta matéria, não se fica apenas em projectos. A provável estão as notícias que nos chegam de que, por exemplo, em Caçadores 4 de Lagos estão apenas 40 soldados, os restantes seguiram para Goa. O regimento de Cavalaria 3

de Extremoz está todo mobilizado para a Guiné. Se juntarmos estas medidas recentes a outras já executadas, como o destacamento de 95 oficiais — toda uma promoção! — para serviço nas Colónias, o envio de paraquedistas e outros contingentes militares, teremos uma ideia do negro quadro que Salazar prepara: o quadro dum guerra colonial em perspectiva.

Por outro lado, os salazaristas apelam para a necessidade de uma formação colonialista da jovem geração, de modo a que se sinta atraída para as Colónias e aí inicie as suas carreiras.

O capitão Sequeira de Brito, no seu discurso na Escola Naval desenvolveu esta ideia.

Mas o apelo do sr. Sequeira de Brito vai mais longe. Eis as suas palavras: «... a colonização é árdua, pesada e complexa e tal tarefa excede a despeito da nossa capacidade de realização, as possibilidades de um só país». De resto, a famosa «obra» salazarista nas Colónias não reverte só em seu proveito, mas também no dos colonialistas estrangeiros. Daqui que resulte uma séria ameaça não só para o povo português e para os povos coloniais, como para todo o mundo, a política salazarista nas Colónias. Ela pode conduzir a um perigoso foco de guerra mundial.

A política colonialista de Salazar em Goa rouba ao país 3 mil contos por dia!

Se Goa nos custa 3 mil contos por dia, que sorvedouro de vidas e bens não será um novo conflito com qualquer outra parcela do território nacional?

POR UMA AMNISTIA PARA OS PRESOS POLÍTICOS CONTRA AS TORTURAS E SOFRIMENTOS DE QUE SÃO VÍTIMAS OS PRESOS ANTI-SALAZARISTAS

Salazar e a sua camarilha pensam que o terrorismo político os poderá salvar da derrocada, que as perseguições e as torturas contra os elementos mais activos da oposição poderão destruir esta e assegurar assim um futuro ao seu odiado regime fascista.

Nestas circunstâncias, um dever se impõe a todos os portugueses patriotas, democratas ou simples homens de bem: deter o braço dos torturadores salazaristas, forçar os monstros fascistas a recuar na sua perseguição raivosa aos melhores e mais valiosos filhos do nosso povo. A luta de todos os portugueses honrados e de coração contra o terrorismo policial do governo de Salazar poupará grandes sofrimentos a milhares de homens, mulheres e crianças do nosso povo, animará as forças da oposição a Salazar a prosseguirem na sua luta heróica contra a tirania e apressará, por consequência, a queda do odiado governo de Salazar, abrindo assim o caminho à instauração dum regime democrático no país.

Nas prisões salazaristas, nos fortes de Peniche, de Caxias e da Trafaria, no Aljube de Lisboa, na cadeia da PIDE no Porto, na Penitenciária de Lisboa e em numerosas cadeias da província encontram-se presas centenas de patriotas, democratas e amigos da paz. Operários, intelectuais, oficiais do Exército e da Marinha, padres, pessoas de todas as profissões e credos religiosos encontram-se

presos e sujeitos a torturas por quem em um Portugal democrático, livre e pacífico.

Portugueses valerosos e ardentes patriotas como Álvaro Cunhal, Francisco Miguel, Manuel Rodrigues, Manuel Guedes e muitos outros encontram-se presos há longos anos (9, 10 e 12 anos seguidos!) e condenados à prisão perpétua com as celeradas «medidas de segurança». As vidas preciosas destes destacados dirigentes da classe operária e do Partido Comunista Português encontram-se em perigo. Francisco Miguel conta já com 20 anos de prisão dentro aos 33 anos de existência do regime fascista!

A sinistra PIDE tortura os presos durante intermináveis interrogatórios, não poupando católicos, monárquicos, republicanos, comunistas, patriotas ou amigos da paz. A lista dos presos torturados até à morte cresce de ano para ano.

Recentemente a PIDE prendeu numerosos anti-salazaristas em Alpiarga, Lisboa, Porto, Gaia, Póvoa de Santa Iria e outros pontos do país. O operário vidreiro Afonso Gregório e a analista Alda Nogueira, membros do Partido Comunista, foram presos também. Com estas e muitas outras prisões o governo de Salazar procura fazer recuar na sua luta libertadora o povo português.

Por uma amnistia aos presos políticos!

Aproxima-se a quadra festiva do Natal em que as famílias, ricas ou pobres, se juntam e fazem desse dia um dia consagrado à convivência com os entes queridos. Porém, para centenas de presos políticos portugueses, para milhares de pessoas das suas famílias, esse dia festivo será um dia bem triste, de saudade e de dor. Que as pessoas de coração e de sentimentos não esqueçam isto e ajudem com a sua acção a minorar os sofrimentos desses portugueses, lutando para que os presos possam passar o Natal em liberdade.

O apaziguamento das discórdias políticas que dividem o país (que o governo de Salazar tão fundo cavou) exigem de cada português patriota, de cada homem honrado, acções — por pequenas que sejam — que forcem o governo de Salazar a recuar na sua política de ódio e de terrorismo policial. A quadra do Natal deve levar-nos a intensificarmos a luta por uma amnistia política e contra acção terrorista do governo.

Em numerosos países as pessoas de coração lutam contra a repressão salazarista, protestam junto das autoridades portuguesas contra as perseguições policiais que sofrem milhares de portugueses. No Brasil, na Venezuela, na Argentina, no Canadá, na União Soviética, na França e em muitos outros países têm-se feito comícios, abaixo-assinados com milhares de assinaturas e protestado por outras formas contra o terrorismo político do governo de Salazar, ao mesmo tempo que pedem uma amnistia para os presos políticos.

Unamos o esforço de todos os portugueses honrados e de coração para conseguirmos uma amnistia política. Da nossa unidade e da nossa acção depende a vitória dum causa justa e humana.

Na ONU o sr. Garin revela-se, dia a dia, um bom delegado do colonialismo. Assim, ele declara que nas Colónias portuguesas nunca houve nem há discriminação racial (!!) e faz uma pomposa declaração de princípios morais e cristãos, para dias mais tarde, ser um dos pouquíssimos delegados que apoiou a vergonhosa política do «apartheid» (apartamento de raças) seguida na África do Sul!

Quer dizer, os acontecimentos que vivemos mostram-nos claramente os desígnios sangrentos e aventureiros de Salazar em relação às Colónias. Ele esforça-se por grangear apoios à escala nacional e internacional no sentido de melhor poder esmagar os justos anseios dos povos nativos à liberdade e à independência.

O povo português necessita de estar atento a estas perigosas manobras do seu inimigo número um — Salazar — pois delas não resultará nenhum bem para a nossa Pátria. Muito pelo contrário, pois que a luta dos povos coloniais pela sua libertação é uma contribuição à nossa própria libertação do jugo salazarista.

Não será o salazarismo que vai impedir o desaparecimento total e para sempre do colonialismo. A libertação dos povos coloniais é historicamente inevitável. O povo português está empenhado, como os demais povos do mundo, em que a maior vergonha deste século seja varrida sem deixar vestígios.

Soldados e oficiais não devem acatar em silêncio as sinistras ordens de Salazar e dos seus lacaios Almeida Fernandes e Botelho Moniz. Das pequenas acções nascem as grandes. Hoje, protestando contra esta leva de homens para morrer ingloriamente nas colónias. Amanhã, recusando o cumprimento de tais ordens, pois servir a Pátria com sacrifício e abnegação não é de modo algum colaborar nas prepotências e nos crimes dos colonialistas.

Mães, esposas, noivas, todas as portuguesas e portugueses devem exigir do Governo que nem mais um soldado seja enviado para as Colónias e que regressem os que já lá se encontram.

Salazar não pode ficar com as mãos livres para todos os seus desmandos e violências, para fazer da nossa juventude carne de canhão. Para aniquilar milhões de seres que, por terem outra cor de pele, têm os mesmos direitos vitais de qualquer homem. Não o deixemos empenhar o País numa criminosa aventura colonial.

SÓ COM A LUTA MELHORAREMOS AS NOSSAS CONDIÇÕES DE VIDA

UNIDADE — CONDIÇÃO ESSENCIAL

Os trabalhadores portugueses não alimentam ilusões sobre o salazarismo. Eles sabem que o Governo nada lhes dará de mão beijada. A luta é só a luta é o seu caminho para minorar um pouco as necessidades dos seus lares. Por isso, pequenas e grandes lutas se processam diariamente, à escala nacional.

Continuamos hoje a dar notícia de algumas das mais importantes.

Porto — Os operários têxteis desta cidade enviaram uma exposição ao ministro das Corporações sobre a sua situação de miséria e exigindo a aprovação dum novo contrato colectivo de trabalho. Essa exposição foi assinada por 617 operários.

No Sindicato da Carris foi entregue uma exposição dos guarda-freios com cerca de 250 assinaturas, que exige a equiparação dos seus salários aos dos motoristas dos auto-carros, isto é, que sejam aumentados de 49\$00 para 61\$00.

Aviz — 24 trabalhadores desempregados dirigiram-se ao Presidente da Câmara exigindo trabalho. Este, depois de várias desculpas, que não havia verba, que nada podia fazer, como continuasse a ser pressionado pelos trabalhadores, teve a desfaçatez de dizer que o que eles gostavam era de agitações, porque eles tinham estado a ganhar 28\$00 e, por isso, ainda deviam ter algumas economias. Que cinismo o deste salazarista que come e bebe à grande!

Claro que os trabalhadores não cruzaram os braços e declararam que não arredariam pé enquanto não lhes arranjassem trabalho. E, assim, 16 deles conseguiram ocupação numa estrada camarária.

Matosinhos — Os operários conserveiros, estimulados pela vitória dos pescadores, iniciaram uma luta por aumento de salários e já obtiveram algumas vitórias. Na Fábrica Independência as operárias, como não fossem atendidas as suas reivindicações, começaram a fazer «cera» e acabaram por conquistar um aumento de \$30 por hora.

Também na Fábrica Pinhais & C.ª L.ª o pessoal foi aumentado de \$40 e \$50 por hora.

Torres Novas — Os motoristas de uma empresa de camionagem conseguiram, mercê da luta que vinham mantendo, além do pagamento das horas extraordinárias, mais 15\$00 diários para a sua alimentação.

Os cobradores, através do Sindicato, conseguiram também que os seus ordenados fossem aumentados em 30%.

Numa localidade da região de Leiria, os operários da construção civil exigiram aumento de salários e que se lho não dessem se iriam embora. A sua reivindicação foi aceite e de 3\$50 por hora passaram para os 5\$00.

Também alguns operários têxteis da mesma localidade alcançaram aumentos diários de 1\$00.

(continuação da 1.ª pág.)
madas, reforçado o seu monstruoso aparelho repressivo, intensificada a Censura à imprensa e, finalmente, modificada a própria Constituição Política.

Manejando a arma do anti-comunismo, Salazar tentou e tenta afincadamente cavar o fosso da divisão entre as forças oposicionistas.

Quer dizer, o regime recompõe-se, mas na base mais precária — a da repressão.

Mas Salazar não resolveu, antes agudizou, os grandes problemas nacionais que provocaram as explosões de descontentamento popular em 1958, as quais levaram o regime até à beira do abismo.

Não melhorou, antes se agravou, o nível de vida das amplas massas populares.

Não foi entravado, antes recebeu um novo impulso, o processo de monopolização da economia nacional.

Não se concederam as liberdades essenciais, antes cercaram, em limites inconcebíveis.

Isto significa que não desapareceram, antes se acentuaram, as causas profundas de descontentamento popular.

Por isso, não somente as condições objectivas são favoráveis à realização das mais sentidas aspirações nacionais, como a insatisfação e o descontentamento do povo se tornou mais vasto, embora não tenha ainda surgido à superfície em toda a sua plena extensão.

Se a estas condições internas ligarmos as transformações produzidas ultimamente na situação internacional a favor da paz, da democracia e do socialismo, mais fortes são os factores que militam a favor da luta libertadora do nosso povo.

lares vão firando a prova dos prejuízos da desunião e das atitudes democráticas de fachada e tirando as suas conclusões em relação àqueles que, por preconceitos de discriminação unitária, se colocam de facto à margem do mais profundo sentimento popular. O anti-comunismo é altamente nefasto à causa anti-salazarista.

Será a luta unida e só ela que criará rapidamente as condições essenciais para uma mudança de governo e de política.

Mas este imperativo unitário do nosso povo pode ser apressado ou retardado segundo a atitude que assumam os diversos sectores da democracia portuguesa.

No momento em que no mundo se vão desfazendo os vapores da «guerra fria» não será também tempo de degelar atitudes anti-unitárias que impedem o agrupamento das forças oposicionistas numa única e poderosa frente de luta?

É urgente que se opere uma revisão de posições no sentido da unidade, sem a qual não poderá ser criado o instrumento essencial para derrotar Salazar e o seu regime — um amplo movimento organizado à escala nacional, perfeitamente possível à volta de pontos mínimos de acção. Existem condições para esse movimento como resalta das lutas operárias travadas no decurso deste ano e das jornadas democráticas do 5 de Outubro e das eleições para as Juntas de Freguesia. Queiram as forças anti-salazaristas e há mil e um motivos para organizar e movimentar as massas em torno de problemas comuns.

Naturalmente a classe operária lutando pela imediata melhoria das suas condições de vida e pelos seus direitos inalienáveis dá a luta popular o impulso decisivo. Mas todos os portugueses anti-salazaristas, sem distinção de classes e de credos políticos e religiosos, estão interessados em que acabe a repressão política e se promulgue uma imediata amnistia a todos os presos e perseguidos políticos pelo salazarismo; estão interessados em barrar o caminho aos monopólios, em resolver os problemas políticos e económicos fundamentais da Nação, em acabar com a Censura à imprensa e conquistar as liberdades essenciais.

E é sempre possível encontrar formas de entendimento e acção entre as pessoas ligadas por uma profunda solidariedade de interesses.

Em 1961 irão realizar-se as eleições para a Assembleia Nacional. Conhecidos os métodos a que os governantes costumam deitar mão, não é cedo para se dar desde já os passos necessários à criação da ossatura dum movimento eleitoral de oposição que deve apresentar-se unido e potente na disputa das eleições.

O Partido Comunista Português, que sempre se esforçou com afinco para unir toda a Nação numa frente comum de luta, envidará mais uma vez todos os esforços para se conseguir o objectivo número um da luta do nosso povo — afastar Salazar do Poder e pôr à frente do país um Governo verdadeiramente representativo e acatador da vontade nacional.

QUANTIAS RECEBIDAS DOS AMIGOS DO PARTIDO

AGOSTO DE 1959	Avante	Cunhal	100.00	Portugal	225.00
Amigo certo	5.00	ferroviários	9.00	Livre	5.00
Pela libertação		Bento Gonçalves (P)	35.50	Salvo vermelho	10.00
dos presos	20.00	Camarada (B)	2.50	Septeiro ver.	20.00
políticos	20.00	Gil	20.00	Segundo	20.00
Um desconhecido	5.00	Carpinteiros vermelhos	16.50	Piçarra	20.00
Um simpatisante (Inex)	2.50	Corfiteiros vermelhos (J ss)	16.00	Serra e Serrote S	20.00
SETEMBRO 1959		Corfiteiros amigos do Partido	10.00	Sevilha	10.00
A caminho do Socialismo	500.00	Melo	170.00	Taberneiro Amigo	230.00
A do P.	10.00	Milhões X	70.00	Túlio	50.00
"	10.00	Moonik	200.00	T V X A	30.00
Aicânt.	20.00	"	200.00	Um democrata sincero	1.000.00
"	20.00	Morte ao tirano Salazar	10.00	Jm grupo de amigos	35.00
Alvorada	50.00	Morte aos traidores	20.00	Unidade pela Amnistia	500.00
"	50.00	Nobel	40.00	Urtubi	1.000.00
À memória de Alfredo Dinis (I)	196.60	Nogueira	50.00	Vai embora, Salazar	100.00
Idem, Marquês de Pombeal	10.00	Novo Amigo	32.50	Vidreiro	200.00
Amigo da Paz (I)	5.00	O futuro a nós pertence	60.00	14 de Junho	460.00
Amiga do Partido	2.50	O Partido vence	50.00	1891 — Frente	100.00
Amigo dedicado do Partido	20.00	Outubro vermelho	50.00	Algarve	
Idem, idem	20.00	Para a Lua	47.00	Democrát.	200.00
Amigos de Catarina Eufêmia	6.00	« os que lutam »	22.50	Camponês	
Amigos da Liberdade (I)	50.00	« o comunismo »	30.00	Colectivista	277.50
Partido	5.00	Pela amizade entre os povos	164.00	Direitos Humanos	18.50
Idem, idem X	5.00	Pela libertação Nacional (k)	300.00	Georgina	35.00
Amigos do Partido	149.00	Pela Paz (C)	180.00	J. Moreira J.	48.00
Arónimo amigo do Partido	20.00	« (F)	340.00	Mancos	10.00
A Fomba ea Criança	25.00	« Reforma Agrária	20.00	Marinha	44.00
Artista	20.00	Pela unidade dos corticeiros	20.00	vermelha	50.00
Assim foi tempo perdido o Aço	148.00	Pelo Partido	50.00	Nogueira	50.00
Avante até à vitória final	350.00	Pescadores vermelhos A	20.00	Pela realização tarefas V C	100.00
		Por um BELO futuro	100.00	Por um BELO futuro	100.00
		Idem, idem	100.00	Pró-Amnistia	18.00
		Queremos um	100.00	Idem, idem	64.00
				Trio vermelho	20.00
				3.ª República	20.00
				« »	45.00
				TOTAL	12.837\$10

Unamo-nos em torno de pontos comuns de acção

O que é então preciso para afastar Salazar do Poder e acabar com o seu regime?

É preciso, antes de mais nada, que termine a desunião das forças anti-salazaristas. Para isso é necessário eliminar o anti-comunismo da posição política de certos sectores oposicionistas. A unidade das amplas massas populares far-se-á, quer o queiram quer não, certas forças interessadas em pôr limites à democratização do país, e far-se-á porque as massas popu-

PARA OS MIL CONTOS

Transp. 923.781\$80	« dos trabalhadores	10.00
Abaixo Salazar	10.00	Fevereiro de 1921
Ansiosos pela liberdade	20.00	Fraternidade Proletária
Boão	37.00	Lunik II (A) (B)
Camionista	5.00	Manuel Guedes (C.)
pela demissão Salazar	50.00	Morador
Casal vermelho	90.00	Para os mil
Carâmico	7.50	Para os mil
vermelho	8.00	Pró luta
Idem idem	20.00	Revolto
Chofer revolucionário	20.00	Solidariedade T
Contra a repressão	SC 20.00	Talbes n.º
Copon n.º 28	500.00	« 3889
Cupon (1000 contos)	10.00	« 3890
Cupão (M)	20.00	Unidade anti-salazarista R
Cupões (I)	110.00	Idem idem
Dádiva Especial	1.000.00	Volante
Defesa do P.	500.00	vermelho
Emancipação dos camponeses	15.00	4 Vidreiros vermelhos
		TOTAL

SOLIDARIEDADE DA FEDERAÇÃO SINDICAL MUNDIAL

Aos pescadores de Matosinhos, a outros trabalhadores em luta e a vítimas do salazarismo foi entregue auxílio financeiro da F.S.M.

O CAMINHO PARA A CONFERÊNCIA DE ALTO NÍVEL E O PROBLEMA DO DESARMAMENTO

O caminho para a Conferência de alto nível vai sendo percorrido, apesar dos desejos e esforços das forças inimigas da paz, empenhadas em fazer sobreviver o clima da guerra fria.

Desde há muito que a União Soviética defende a necessidade de tal reunião. Há alguns meses o chefe do governo inglês, pressionado pela opinião pública do seu país e pouco antes das eleições que iria marcar, deu o seu apoio à realização dessa conferência a curto prazo, fez dela a causa do triunfo eleitoral do seu partido. Passado algum tempo, o presidente dos Estados Unidos, que até então se tinha oposto a essa conferência, influenciado por uma corrente cada vez mais importante da opinião pública norte-americana, sobretudo após a visita de N. Krustchov, dá também a sua adesão.

Apesar do recente convite que fez ao primeiro ministro soviético para visitar a França, De Gaulle não quer, para já, a Conferência de alto nível, prefere arrastá-la para o fim da primavera do próximo ano.

Invocando demagogicamente o prestígio e grandeza da França, De Gaulle engana muitos franceses afirmando que esse prestígio e grandeza se alimentam na continuação do domínio colonial, na posse da bomba atómica, numa política externa de parceria com o Chanceler Adenauer.

Numa altura em que a luta dos povos coloniais e dependentes está pondo a claro, por todo o mundo, os males e o fim duma era colonialista, o prestígio e a grandeza da França resultarão, não da imposição do pior terror e arbítrio sobre povos que querem a sua independência—como é o caso da Argélia—ou duma falsa autonomia em que o domínio sobre as riquezas nacionais desses povos se mantem na mão dos monopolistas franceses, mas duma política realista que corresponda à época em que vivemos e que defenda, enquanto é tempo, os interesses morais e culturais da França nessas novas nações que, quer De Gaulle o queira, quer não, conquistarão a sua soberania.

Numa altura em que se dão passos muito importantes para a paz, não é uma política de mãos dadas com o defensor mais acérrimo da tensão internacional, como é Adenauer, nem é a posse da bomba atómica que podem dar prestígio à França. Antes pelo contrário: a aproximação da política externa francesa e alemã ameaça isolar a França de velhos aliados como a Inglaterra e a possível explosão duma bomba atómica no Saahra, está levantando contra tal iniciativa a opinião pública de todos aqueles países cuja atmosfera pode vir a ser contaminada com essa experiência. Entre esses países ameaçados pelas potências radioactivas figura Portugal, cujo Governo até hoje nada disse contra tal experiência.

O convite a Krustchov para visitar a França situa-se nesta política necessária para De Gaulle de exprimir independência e prestígio. Mas não pode nem deve ser encarada só sob este aspecto. Embora

a conferência de alto nível seja necessária para se poderem dar passos mais decisivos para um desarmamento internacional, os encontros e conversações bilaterais têm demonstrado que também servem a causa da paz. A visita de Krustchov à França, o seu contacto com o povo francês e as suas conversações com De Gaulle servirão a causa da paz.

A discussão pelas nações das propostas de desarmamento universal e completo apresentadas pela União Soviética na ONU apresenta um importante passo para a paz, assinala o início duma era em que, pela primeira vez na história da humanidade, as nações encaram a supressão completa dos conflitos armados, do recurso à guerra para resolver as divergências entre os Estados.

A recente mensagem a todos os parlamentos do mundo do Soviete Supremo da URSS, no sentido de colaborarem na concretização das propostas de desarmamento geral e completo é mais um importante passo para a paz. Nessa mensagem o Soviete Supremo da URSS assinala aos parlamentos de todos os países que «para esta nova etapa das relações internacionais todos os Estados devem contribuir, que tudo depende da vontade e perseverança dos povos.»

É dessa vontade e perseverança dos povos que depende a supressão definitiva das guerras e a libertação de todas as nações do pesado e ruinoso encargo da corrida aos armamentos.

LUTAM OS SOLDADOS

Num quartel dos arredores de Lisboa, (Pontinha) a alimentação dada aos soldados é péssima. Como protesto, 60 soldados recusaram-se a tomar duas refeições e começou a popularizar-se a ideia da necessidade dum levantamento de rancho. Alguns soldados foram castigados, mas a verdade é que a comida melhorou, o que mostra uma vez mais, que a luta é o caminho da vitória. Se os soldados tivessem conversado melhor entre si, de modo a fazer compreender a todos ou à esmagadora maioria dos seus companheiros a justiça do protesto, nem sequer nenhum seria castigado.

ROLANDO VERDIAL E IVONE LOURENÇO HÁ DOIS ANOS PRESOS SEM JULGAMENTO

Rolando Verdial e a jovem Ivone Dias Lourenço, presos pela PIDE em 1957, aguardam nas frias celas da cadeia de Caxias que se realize o seu julgamento. A PIDE mantém estes dois patriotas numa situação ilegal não sómente à luz das suas próprias leis como dos direitos mais elementares dos cidadãos prescritos na Carta da ONU, que o Governo subscreevou. O prolongamento do período de prisão preventiva é uma das formas de prolongar as condenações de patriotas, pois, segundo as leis fascistas, só é contada para efeitos do cumprimento da pena metade da prisão preventiva. Isto significa que a R. Verdial e a Ivone Lourenço não serão condenados por já um ano da prisão.

Esta situação ilegal e desumana reclama o protesto mais veemente dos portugueses de coração.

As nossas vozes estão unidas as vozes dos democratas e partidários de paz em diversos países que têm protestado contra a situação ilegal de Rolando e Ivone. Reclamamos a sua libertação imediata; escrevamos ao Governo, aos Tribunais, aos ministros do Interior e da Justiça para que termine a injusta prisão destes 2 patriotas.

PELO AUMENTO DE SALÁRIOS

(continuação da 1.ª pág.)
res. Em muitos casos como, por exemplo, sucedeu há pouco com o novo «acordo» de salários para os vidreiros, vê-se o patronato cometer as maiores tropelias, baixando categorias, aumentando a duração da jornada de trabalho, fazendo despedimentos ou reduzindo a semana de trabalho.

O desemprego aumenta duma maneira alarmante.

Nos campos alentejanos milhares de assalariados vivem o período agudo do desemprego. A MUNDET do Seixal passou de mais de 2 mil operários para cerca de 400; a SOREFAME passou de mil e seiscentos para cerca de 300; a dos Ingleses, do Porto, passou de 1.600 para cerca de 100; os estaleiros navais de Lisboa despediram já este ano mais de 500 operários, os de Viana do Castelo despediram igualmente este ano mais de 350; a CECIL mais de 50; as minas de Valongo 70, e assim por diante, enquanto dezenas e dezenas de unidades fabris laboram apenas 3 e 4 dias por semana.

Toda esta situação enche de angústia milhões de trabalhadores da cidade e do campo e as suas famílias, que vêem a miséria invadir cada vez mais os seus lares.

Contra esta odiosa exploração do patronato e do governo salazarista os trabalhadores devem com urgência reunir-se, organizar amplas assembleias nos Sindicatos e Casas do Povo, nas fábricas, aldeias e casis, onde discutam a sua situação e reivindicações, e combinem as formas de lutar por elas.

Não consintamos que o patronato, protegido pelos governantes, softise as cláusulas dos contratos favoráveis aos nossos interesses. Embora muitos trabalhadores sintam por vezes receio de lutar pelo aumento de salários devido ao desemprego e outros pensem que a luta contra o desemprego é mais importante que a luta pelo aumento de salários, a verdade é que as duas se conjugam e são igualmente necessárias. Estas, por sua vez, são inseparáveis da luta contra a carestia da vida.

Lutemos contra a elevação dos preços, contra o parasitismo dos organismos corporativos que engendram a alta dos preços. Organizemos as donas de casa em «Comissões contra a carestia» em cada rua, bairro ou mercado. Ao mesmo tempo, organizemo-nos em cada fábrica, herdade, aldeia e casis para resistir à ofensiva de exploração e miséria do salazarismo.

TRABALHADORES! Temos uma arma muito poderosa que

UM EXEMPLO A SEGUIR

Informam-nos que na terra natal do democrata Joaquim José Dias, trabalhador alentejano, corre o seguinte texto que recolheu mais de 500 assinaturas:

«Os signatários, pessoas de bem que muito prezam a sua Pátria e se orgulham de ser portugueses, vêm, por este documento, afirmar que Joaquim José Dias não é nem nunca foi pessoa indesejável, mas sim um exemplar trabalhador digno da nossa admiração e respeito, e por isso pedimos ao tribunal a sua absolvição.»

És um exemplo que deve ser seguido pelos amigos e companheiros de trabalho de todos os homens honrados que jazem nas prisões da PIDE, no Aljube, em Caxias e em Peniche. Uma acção deste género junto do Tribunal demonstrará uma vez mais a nobreza dos que, ao lado do povo, lutem por uma causa justa.

pode obrigar o patronato fascista a ouvir e atender as reivindicações operárias—à greve. Os pescadores de Matosinhos estiveram 70 dias em greve, mas saíram viçosos porque estavam unidos e firmes.

Lá onde os patrões façam orbe-lhas moucas aos nossos pedidos, façamos a greve, diminuamos os ritmos de trabalho, reclamemos em massa aquilo a que temos direito ou recorramos a outras formas de luta que obriguem o Governo e o patronato a atenderem os nossos pedidos.

Os patrões podem aumentar os salários. Só é preciso que ganhem menos lucros, que não sejam tão imorais no roubo aos trabalhadores e dêem a estes aquilo a que têm direito.

A FARSA DAS ELEIÇÕES PARA AS JUNTAS DE FREGUESIA

Todas as notícias até agora chegadas à redacção do «Avante!» confirmam largamente as denúncias feitas nos nossos colunas da última fraude eleitoral realizada pelo salazarismo. Elas revelam também o grau de isolamento dos governantes em relação ao povo, o seu descrédito, o seu impudor político.

Por toda a parte os salazaristas recorrem às ilegalidades de toda a ordem, às pressões e intimidações, ao falsamento dos resultados. Impossibilitado de concorrer ao acto eleitoral, o nosso povo marcou a sua posição política mostrando a maior indiferença ou, nalguns raros pontos, fiscalizando a entrada e a contagem dos votos. Lá onde essa fiscalização foi feita, a verdadeira expressão do desajuste popular por Salazar enraqueceu claro.

Em muitos e muitos casos, os salazaristas viram-se forçados a recorrer a elementos desclassificados ou aos carolos da União Nacional e a apresentarem fora do prazo legal as listas oficiais.

Em ALMADA, só nos dias 10 e 11 foram colocados os editais anunciando as eleições para 18 e, por essa razão, nenhuma lista de oposição pôde ser apresentada, apesar de existirem organizadas nas 5 freguesias do concelho.

No SEIXAL, os fascistas viram-se e desajaram-se para arranjar pessoas para as suas listas. Ainda no dia 7 o presidente da Câmara enviava a abordar gente, o que mostra que as listas da União Nacional entraram fora do prazo legal.

No BARREIRO, iguais arbitrariedades. Na freguesia de Palhais, os opositoristas que quiseram apresentar uma lista, verificaram que tinham sido riscados do recenseamento. Só estavam recenseados os bujos locais e muitos poucos mais.

Em MONTEMOIR, os salazaristas tiveram grande dificuldade em formar as suas listas, pois muita gente se recusou.

No COUÇO, só a 10 colocaram os editais, o que impossibilitou a Oposição de concorrer. Entretanto, o povo da terra afirma que não houve qualquer votação.

Em ALCORREGO, em face do recusa de muitos elementos, os salazaristas recorreram a indivíduos desclassificados. O povo da terra, que não pôde apresentar qualquer lista, colocou à porta da sede da Junta três bonecos de palha com este distico: «aqui estão os três membros da nova Junta de Freguesia — a Junta falhada».

Em RUNA, onde a oposição concorreu às eleições, os salazaristas recorreram aos processos mais refinados para obterem a vitória. O próprio Presidente da Câmara de Torres Vedras telefonou para as várias pessoas da terra, comunicando-lhes que se vencesse a lista da oposição os impostos sobre os habitantes seriam aumentados. Outros fascistas ameaçaram de serem cortados à Freguesia os fornecimentos de bacalhau e outros gêneros e por último recorreram mesmo à ameaça de prisão para demorar mais de duas dezenas de eleitores da oposição.

Em ALCANENA, foi rejeitada a lista da oposição «por ter sido apresentada fora do prazo». Entretanto, confessado pelo próprio presidente da Câmara, a lista da União Nacional só entrou no dia 10. Os opositoristas alpinenses protestaram para o governador civil. Esta rejeição do protesto, «por ter sido apresentado fora do prazo legal dos protestos»...

És como se ganham eleições por «falsa» votação no paraíso fascista de Salazar.